

O IMAGINÁRIO COMO EXPRESSÃO DE SENTIDO DO REAL:

A CAIPORA DE MARAÚ

Rita de Cássia Curvelo da Silva¹

Resumo: Texto resultante uma pesquisa etnográfica concernente a tradições artísticas das culturas populares e tradicionais do Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, investigação que teve como fontes relatos orais de mestres da cultura popular e registros de observações participantes, além de documentos escritos e imagens. No município de Maraú constatou-se a existência de grande quantidade e diversidade de tradições da arte popular – dimanadas da história coletiva da população local, legado da ancestralidade africana, indígena e portuguesa – dentre elas a Caipora. Essa personagem lendária é fruto do imaginário das pessoas, que acreditam em sua incontestável veracidade, porque a Caipora atribui sentido a episódios imponderáveis do cotidiano.

Palavras-chave: Cultura Popular, Caipora, Maraú.

Na história da humanidade, em todas as épocas, são comuns credices e superstições, principalmente aquelas que se relacionam a elementos da natureza. Elas fazem parte do complexo imaginário das pessoas e são transmitidas de uma geração a outra pela oralidade, ativando condutas sociais individuais e comportamentos coletivos. Nesse sentido, Manuel Querino argumenta que as crenças e os ritos supersticiosos – denominados por Chateaubriand (1853, p. 136) de “harmonias da religião e da natureza” – são encontrados em todas as culturas. No caso específico da Bahia², explica:

A Bahia de outras eras que tanto primava nos diversos ramos do saber, acolheu em alta escala a superstição, talvez com a fusão de diferentes tipos que entraram na formação da nossa raça; resultando daí diversas crenças populares, ainda muito em voga. Com o fim de amedrontar as crianças, criaram mula-sem-cabeça, a cabra-cabriola, **a caipora**, o tutu gambeta, o lobisomem, etc. (QUERINO, 1946, p. 86 – grifo nosso).

¹ Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. ritacurvelo8@hotmail.com

² Existe, na Bahia, mais de uma dúzia de versões sobre a Caipora, ser mitológico semelhante ao Curupira (“corpo de menino” em língua tupi), mas com uma diferença marcante: este último tem pés inversos (calcanhares virados para frente), artimanha para despistar os predadores humanos ao seguirem pegadas e rastros inexatos, por sugerirem outra direção.

Herdadas dos ancestrais ou adquiridas nas vivências diárias, as crendices ocupam a mente da população sul baiana, ocorrendo indistintamente tanto na zona rural quanto nas áreas urbanas e no meio acadêmico. Assim, seres sobrenaturais multifacetados, produtos da imaginação do ser humano, maléficos ou benéficos, capazes de propiciar vantagens, sorte ou azar – delineando uma seara mágico-religiosa –, são legitimados por muitas comunidades como certezas, verdades incontestáveis que integram a construção e a preservação da história cultural da região. É o caso da Caipora, inicialmente nomeado o Caapora, vocábulo atualmente lexicalizado como substantivo feminino:

Todos os brasileiros em geral e os nortistas em particular sabem as estórias do Caapora. Está o duende em todo o Brasil, batendo as coxilhas gaúchas como as florestas amazônicas, os campos catarinenses como as serras mineiras. Ninguém o ignora. Mas, em maioria, mudaram-lhe o sexo pela terminação em vogal. Dizem “A Caipora”, substituindo o segundo *a* por um *i*. (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 91).

A Caipora é uma personagem magnífica da mitologia indígena. Estudiosos do tupi nos ensinam que o vocábulo caapora origina-se de *caá* (mato) e *pora* (habitante). Citando Batista Caetano, Câmara Cascudo esclarece que, dado como “morador do mato”, o caapora “é propriamente ‘o que há no mato’”. (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 93). É uma lenda bastante difundida em todo o Brasil, sendo por vezes confundida com uma entidade análoga, o Curupira³.

Radicado nas florestas, a Caipora é representada pelos folcloristas de distintas formas, conforme a região do País, contudo, em todas as variantes, é protetora dos animais silvestres. Embora Câmara Cascudo assevere que “Caapora, curiosamente, nunca possuiu as prerrogativas de custodiar a vida vegetal. É um dono da caça...”

³O padre salesiano Antonio Giaccone publicou em língua portuguesa, no ano de 1949, vários mitos dos índios amazônicos Uaupés, dentre eles o do Curupira (GIACONE, 1949, p. 119-120). Na descrição do reverendo Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, “Curupira, palavra da Língua Geral, é a mãe do mato, o gênio maléfico que vive na floresta e que pode ser fatal aos que, por acaso, o encontrem. Dizem os indígenas que (ele) tem figura de homem, com dois metros de altura, muito peludo, um olho na frente e outro atrás, além da particularidade de ter os pés virados para trás e com mais um metro de comprimento.” (SILVA, 1994, p. 86).

(CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 93), na cidade de Maraú⁴, Bahia, tal entidade tem cunho eminentemente ecológico, assumindo a função de protetor da fauna e da flora, de tudo que há nas matas e nos manguezais, como veremos mais adiante.

Muitas vezes é descrito como um menino moreno semelhante a um pequeno índio, olhos e cabelos vermelhos, ou como uma mulher unípede que caminha saltitando. Outras vezes, carrega uma lança e usa um cachimbo ou está continuamente montado em um caititu ou porco-do-mato agitando um galho de japecanga, exercendo seu encargo, e correndo veloz pela selva: é ágil como uma rajada de vento, motivo pelo qual não se consegue alcançá-lo. Em algumas versões da lenda é seguido por um cachorro.

Dentre as representações desse que é um dos entes fantásticos mais populares dos espessos bosques brasileiros, destacamos: “Um caboclinho encantado, habitando as selvas; e, como o bicho-homem, tendo o pé redondo cocho, com um olho único no meio da testa, cavalcando sempre um porco selvagem, por silenciosas e remotas brenhas.” (AMBRÓSIO, 1934, p. 71); “um grande homem, coberto de pellos negros por todo o corpo e cara, montado sempre em um grande porco de dimensões exageradas, tristonho, taciturno, e dando de quando em vez um grito para impelir a vara.” (COUTO DE MAGALHÃES, 1876, p. 137); “veste as feições de um índio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das árvores carcomidas para onde atrain os meninos que encontra desgarrados nas florestas.” (GONÇALVES DIAS, 1867, p. 105). “um homem peludo, de um só olho na testa, e tão grande que o seu porrete era um tronco de pinheiro”. (ALMEIDA, 1952, p. 57); “Na Bahia é uma cabocla quase negra ou um negro velho, e também um negrinho em que *só se vê uma banda*.” (SILVA CAMPOS apud CÂMARA CASCUDO, 1999, p. 224 – grifo do autor); em

⁴O município de Maraú, localizado na península de mesmo nome, é permeado por uma variedade de ecossistemas costeiros, fluviomarinheiros e terrestres, pertencentes ao bioma Mata Atlântica, com área da unidade territorial totalizando 823.362 Km² e população local, segundo Censo Demográfico 2010 do IBGE, de 19.101 habitantes, com população rural – cerca de 80% do total de pessoas – bastante superior à totalidade dos indivíduos residentes no espaço urbano (IBGE, 2011). Sobre a gênese do município, consta do Plano Municipal de Educação de Maraú – Bahia 2010/2020 que este se originou de “uma aldeia de índios denominada ‘Mayrahú’, (cujo significado na língua indígena é: ‘*Luz do Sol ao Amanhecer*’, descoberta em 1705 pelos frades Capuchinhos italianos). A tribo indígena existente chamava-se ‘Mayra’” (MARAÚ, 2011). O Distrito de Mayrahú foi criado em 1717, alçado à categoria de Vila em 1761 e, pelo Decreto Lei nº 10.724 de 30 de março de 1938, a Vila foi elevada à categoria de Cidade.

Ilhéus, Barbosa Rodrigues a caracteriza como “uma cabocla moça, clara e bonita.” (RODRIGUES apud CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 96). Regina Lacerda assinala:

O aspecto do caipora varia conforme a impressão que causa e a pessoa que ele tem que arruinar e fazer infeliz. Frequenta, de ordinário, as encruzilhadas e as curvas dos caminhos. Antigamente, só espantava os caminhantes a pé ou a cavalo, fazendo este passarinhar e dar com o cavaleiro ao chão. Atualmente, ele coloca pedras nas estradas de rodagem para fazer capotar os autos e caminhões; serra as vigas das pontes e dos mata-burros para causar desastres. De tempos em tempos, ele se hospeda nas povoações, cercado de inúmeros caiporinhas, que são outros tantos diabinhos, que entram no couro do pessoal festeiro. (LACERDA, 1960, p. 34).

Das descrições dos folcloristas e outros estudiosos citadas anteriormente, percebemos que, mesmo não havendo dúvidas concernentes à origem indígena da Caipora, elementos africanos mesclam-se aos traços atribuídos pelos ameríndios a essa personagem mitológica.

No poema O Caçador, estrofes de oito a dez, Patativa do Assaré (2006, p. 106) faz asserções sobre a Caipora, ressaltando a relação do sertanejo rural do Nordeste brasileiro com essa entidade, no cotidiano do caçador:

A Caipora é quem é dona
Das caças, e nunca abandona,
Pois as caças é suas rês.
Sem ela querê, por certo
O caçadô mais esperto
Nunca resurtado fez.

Assim como o fazendêro
Tem vaca, bode, carnêro
E mais ôtas criação,
A caipora, com certeza,
É quem faz toda defesa
Das caças, por o sertão.

É quem as caças defende;
E quando a Caipora entende
De os cachorro trapaíá,
O mato fica esquesito,
E os caçadô fica afrito,
Não mata nem um preá.

Dotado de poderes excepcionais, esse espírito animista dos matagais rege sobre os animais e sua atividade consiste em espantar os bichos – para não sejam mortos de forma atroz e predatória – em curar animais feridos ou em ressuscitar presas fenecidas.

Caso os caçadores exterminem mais animais do que o acertado, abatam uma fêmea que espera um filhote, desconsiderem a interdição de caçar nas sextas-feiras em noites de luar, domingos e dias santos, ou deixem de dar os presentes prometidos, são castigados. Da mesma forma, ao encontrar indivíduos não autorizados a caçarem nos brejos, com o intuito de desorientá-los, a Caipora principia a caminhar sem rumo certo ou imita os sons dos animais campestres. Perdidos por horas, quando voltam para casa estão com as roupas rasgadas e corpo marcado por chicotadas, apavorados.

Uma forma de ingressar numa mata com a anuência da Caipora – acesso limitado e não mercantil – é levar sempre um presente para ela, como um pedaço de fumo de corda, um pouco de cachaça, um cachimbo. Como observa Cláudio Henrique Andrade, a relação do caçador com a entidade mitológica é de respeito e negociação:

Defrontando-se com o imponderável, desafiado pelas forças infinitamente mais poderosas da natureza, oprimido pelo temor do fracasso, o homem busca defender-se e compreender o mistério. O mito oferece-lhe uma resposta apaziguadora, dá-lhe uma regra de funcionamento do universo. Essa é a função que a referência à Caipora desempenha na vida do caçador. Com seus ditames e interdições, com os ritos que institui, a entidade sagrada regulamenta o conflito, institui um código de relações, ameniza a incerteza atribuindo um sentido aos imprevistos e intempéries que acometem aquele homem no cotidiano de seu trabalho. Por isso, a relação do caçador com a Caipora é harmoniosa apesar dos sacrifícios, privações e obstáculos que ela lhe impõe. O homem, ao aderir e integrar-se ao esquema de relações projetado pelo mito, o que faz é celebrar um pacto com as forças elementares e assim obter um ganho relativo de poder ao

assumir um lugar previsto para ele num determinado esquema cosmológico. (ANDRADE, 2002-2003, p. 116-117).

Mesmo com o passar dos tempos, muita gente continua a relatar a aparição da Caipora. Isto se dá, na maioria das vezes, com moradores do interior de brenhas, local onde esta divindade habita. (PEREIRA, 2001, p. 38).

Na cidade de Maraú a Caipora, significante feminino, é considerada como uma invenção dos indígenas de uma tribo estabelecida nesse local, denominada de Maíra. Em seu depoimento, Ademar Luz Santos⁵ esclarece:

Aqui a Caipora tem cunho ecológico, porque quando você diz que vai desmatar ou matar animal a Caipora vai e embeleza, como a gente chama aqui. Eu tenho quase certeza que essa lenda da Caipora surgiu quando também surgiram os primeiros habitantes aqui de Maraú. Essa lenda é de cunho indígena. Nossos indígenas foram todos massacrados, foram expulsos pelos portugueses e italianos que vieram. Porque os frades capuchinhos italianos também andaram expulsando alguns. Então eles foram embora e a lenda ficou. Eu que creio que essa lenda é de antes mesmo dos portugueses chegarem aqui. Os indígenas já deveriam se perder aqui, já deveriam atribuir à Caipora esse embelezamento que a gente chama, essa enganação que eles tinham na mata. Eu creio que essa lenda é dos primeiros habitantes daqui do nosso município. (ADEMAR, 2015).

Ela não possui uma imagem corpórea própria, tem o poder de metamorfosear-se em seres humanos ou objetos inanimados, como explicam dois entrevistados: “Então se resume que a Caipora é esse ser que ninguém nunca viu, ninguém conhece, que ninguém tocou.” (Erasmu Carlos Ferreira Soledade⁶, apelidado Lalá). “Só viu na imagem de outra pessoa, ela se apresentando como outra pessoa, outra coisa.” (ADEMAR, 2015). Esse estratagema utilizado pela Caipora para enganar homens e mulheres recebe o nome de “embelezamento”, sinônimo de dissimulação, ardil, astúcia, cilada, insídia, deslumbramento, esperteza:

Que é justamente essa transformação que ilude as pessoas. Vamos supor: se eu vejo uma pessoa que se parece com a minha esposa, e ela me chamar para seguir

⁵Graduado em Geografia, Diretor de Cultura da Prefeitura de Maraú, músico da Filarmônica Lira da Conceição e um dos organizadores da tradição da Caipora.

⁶Presidente da Filarmônica Lira da Conceição, músico e um dos criadores e organizadores da tradição da Caipora.

um caminho, é obvio que eu vou seguir minha esposa, porque vou achar que ela está fazendo uma coisa boa pra mim. Lá na frente vou ver uma pessoa que não é minha esposa, é uma pessoa que se transformou na minha esposa e me enganou. Então, o que sabemos aqui em relação à Caipora, é isso. (LALÁ, 2015).

Porque quando se fala assim Caipora, eu vejo uma pessoa conhecida na minha frente. Fui embelezado. A Caipora se transformou nessa pessoa e me levou pra algum lugar. Como é uma pessoa da minha confiança, me ilude. Ela não tem o formato da Caipora, é formato alguém. Então ela se transforma na pessoa e leva pra se perder, leva para um lugar que a pessoa não conhece. E aí já teve gente que foi encontrado em cima do manguezal. Quando perguntamos – Quem te trouxe aqui? Respondeu: “– Foi fulano de tal.” (ADEMAR, 2015).

Muitos são os casos contados sobre as miragens ou desvarios resultantes das artimanhas da Caipora. Para exemplificar esses acontecimentos, sobre os quais não existem dúvidas quanto à sua veracidade⁷, Ademar e Erasmo rememoram vários episódios:

Desde o caso de Valdenir... Quando eu morava aqui, soube que pegaram Valdenir: – Valdenir sumiu! Trata-se de um rapaz que sumiu aqui. Ele tem problema mental, aí sumiu. O pessoal achou que ele tinha morrido. Eu morava em Itabuna e a minha mulher ligou e disse: “– Ademar, Valdenir está sumido, acho que está morto em algum lugar aí”. Isso tem o quê, uns vinte anos? (“Tem mais, muito mais, responde Lalá”). Aí saímos atrás de Valdenir. De noite, encontraram Valdenir no olho de um pé de manga, num manguezal. (“Que no decorrer a Maré foi enchendo, ele foi subindo no pé de manga”, explica Lalá). Ele disse que estava comendo siri mole, que alguém deu a ele o siri mole. Devia ser a Caipora. Ela ficou lá alimentando o tempo todo o cara com siri mole. Então o cara fica lerdo, tipo em transe... (ADEMAR, 2015).

Inclusive, não sei se foi verídico, não fui eu presente, mas tem o caso de Seo Zinho, um filho aqui de Maraú, já faleceu. Ele estava no mato caçando, badocando, era menino pequeno, então o quê que aconteceu: ele viu uma mulher que parecia com alguém que ele conhecia, com a avó dele. Então nessa ele se embelezou, se perdeu. E quando encontraram ele, ele estava praticamente inlúcido do que tinha visto. Então, é a lenda da Caipora. (LALÁ, 2015).

⁷Compaixão deveria instigar se, querendo tudo submeter às regras da razão, condenássemos com rigor crenças que ajudam o povo a suportar as amarguras da vida e lhes ensinam uma moral que nunca lhe infundiriam as melhores leis. (CHATEAUBRIAND, 1853, p. 136 – tradução nossa).

Dona Isaura de Lealbino ainda vive, mora em Igrapiúna. Uma vez ela me contou que o marido, Lealbino, foi tirar piaçava. E ele tirando piaçava via aqueles pés de piaçava bonitos quando ele cortava, cortava. E quanto mais ele andava mais via pé de piaçava mais bonito, ele cortando. Sem perceber se perdeu no mato: a Caipora se embelezou no pé de árvore, no pé de coqueiro da piaçava. Se trata também de que um pescador... Se eu estou dentro do mangue adquirindo um caranguejo pra consumir, mas naquele sufoco eu encontro um caranguejo maior do que os caranguejos. E cada vez que olha vai vendo mais caranguejo, grande, segue atrás. É, maior, e sempre um maior. Então entendemos imediatamente que aquilo ali é uma Caipora. Não é o caranguejo. (Aí se perde no mangue, remata Lalá). Outros já dizem que encheram o saco de caranguejo e quando chegaram em casa que abriram o saco não tinha era nada. (ADEMAR, 2015).

Câmara Cascudo (1976, p. 92), informa que, embora não haja registros dos padres jesuítas acerca do Caapora, no Brasil quinhentista os religiosos franceses André de Thevet e Jean de Léry, em seus escritos sobre as viagens missionárias ao Novo Mundo, referem-se a espectros da noite e demônios selvagens que aterrorizavam os índios, dentre eles Kaagerre, Kaagire ou Kaigerre, mais tarde identificado por Gonçalves Dias como o Caapora. Mas qual a ascendência dessa tradição em Marau? O Diretor municipal de cultura revivifica memórias:

A representação é do século XIX... A música da Caipora é do século XIX, agora o ano eu não sei. Essa festa surgiu foi com Moysés Férrer, que viveu no século XIX até a primeira metade do século XX. Já era maestro da banda de música do Clube São Salvador, no século XIX. Depois se tornou maestro da Filarmônica⁸, em 1925. Ele morreu em 1950, por aí... Então ele já fazia essas tradições da Caipora, como as tradições todas que tinha aqui. Ele participava de tudo. A música da Caipora pega a gente e joga fora é do século XIX, mas foi ele que criou. Ele fez essa música junto com mestre Alfena. Então, tudo isso foi século XIX. Mais para o final do século XIX. Certamente essa manifestação veio a público no século XIX ainda. Então tudo isso é do século XIX pra lá, pra cá nada. (ADEMAR, 2015).

⁸ Formada em 1925 pela unificação de duas bandas existentes na cidade de Marau, sob a regência do maestro Moysés Férrer Vivas, compositor de marchas, dobrados e outras categorias musicais, substituído em 1950, ano de sua morte, por Alfredo Nery de Lemos, adquiriu personalidade jurídica em 1977, denominada Sociedade Filarmônica Lira da Conceição, com sede inaugurada em 1989. (FREIRE e GUANAIS, 2008, p. 138-139). É uma instituição de utilidade pública, de inestimável valor para a cultura marauense. Acompanha as apresentações da Caipora, do Terno de Reis, do Mandu, dos Mascarados, entre outras atividades.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Em Maraú, a apresentação da Caipora ocorre todos os anos em 21 de janeiro, um dia após a procissão fluvial e marítima e outros festejos – sagrados e profanos – de São Sebastião, padroeiro do município:

De outro lado é a tradição que traz para o nosso município, justamente marca que no dia 21, depois da ressaca da festa, tem a Caipora. O mais que tem de saber se ela é ou não é uma coisa que aconteceu no passado, que se fala de lobisomem, fala em mula sem cabeça, se fala em tudo. Então a Caipora aqui ela é a tradição em cima desse conhecimento que nós temos, vivemos essa tradição. Então resumindo: nós, em questão de continuar fazendo a Caipora acontecendo, a Filarmônica se responsabilizou em fazer a Caipora. (LALÁ, 2015).



A Caipora de Maraú

Fonte: www.marau.gov.br

Na composição da Caipora, uma estrutura cônica de esteiras é revestida com roupa longa confeccionada de tecido multicolorido, abrigando em seu interior um homem, que conduz a brincadeira. A Caipora torna-se, dessa forma, um ser gigantesco, com luvas pendentes dos seus braços, simulando mãos desconjuntadas e, nos pés, botas escuras. Conduz uma cabeça enorme, feita de mamão ou abóbora oca, iluminada com uma vela acesa em seu interior. Segundo comentário de Lalá:

Nós que criamos ela, com um mamão, colocamos uma vela pra identificar que ali é a cabeça da Caipora e uma roupa bem visual e uma estamparia mais cheguei [cor muito viva ou que dá muito na vista] e justamente o que mais move é o gostar do povo por aquela tradição, que é o povo seguindo, ou seja, acompanhando uma coisa que deveria ser amedrontadora. A gente se enriquece a cada ano que passa. A filarmônica se comprometeu em manter essa tradição e todo ano é gratificante quando realizamos esse dia da Caipora. (LALÁ, 2015).

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA



A Caipora de Maraú, 2015
Foto: Rita Curvelo



A Caipora de Maraú, 2014
Fonte: Ademair Luz (arquivo pessoal)

Nas portas das casas, meninos e meninas esperam ansiosos a Caipora, demonstrando curiosidade e alegria. Embora os adultos também gostem da tradição, são as crianças que se sentem mais fascinadas com esse ser inusitado do imaginário popular, como registrado no depoimento de Erasmo Soledade:

É, quem mais se sente atraído são justamente as crianças, porque dita o som, no caso o que nós tocamos, o ritmo em que tocamos, até eles também, criança gosta de ver que o ritmo que nós tocamos na Caipora faz com que as crianças vêm como na música diz: “A Caipora, a Caipora pega a gente e joga fora” aí que entra o Dona “Antônia” depois de veia. Então é uma música, uma letra que empolga as crianças e pelo fato daquela imagem se transformar numa coisa diferente. A Caipora em si atrai mais as crianças que os adultos. Os adultos eles não têm mais aquela precisão de querer saber o que aconteceu o que deixou de acontecer no passado. É, muitas vezes não se interessam. Mas as crianças não, as crianças na sala de aula, se falar do lobisomem elas vão entender melhor do que interpretar uma palavra, um verbo, um pronome, um adjetivo, uma coisa assim. Elas vão criar uma atenção maior pra professora pelo fato de ela está falando sobre o lobisomem, sobre um extraterrestre, que num tem o extraterrestre? A criança cria uma vontade de saber mais daquilo... Então a Caipora atrai. Querem saber: a Caipora vai sair? É, antes de começar a meninada quer entrar, quer saber quem está saindo debaixo da Caipora e que hora vai sair, então realmente quem faz a maior concentração são as crianças. (LALÁ, 2015).

Ainda sobre as crianças, é fato que a infância é um período criativo e ativo, intensamente afetivo e voltado para um conhecimento mágico do mundo. A mente infantil é lógica, mas é antes de tudo inventiva e imaginativa. Na criança a fantasia e a

atuação no mundo imaginário através da brincadeira exercem imensa influência no processo de desenvolvimento, tem papel estruturante do sujeito, reforça sua vontade de conhecer e dominar o mundo. Por tudo isso, a Caipora provoca e evoca sensações, emoções e condutas pueris, como a busca de satisfação e de respostas em relação a tantas perguntas geradas pelas informações provenientes da realidade material externa e da experiência pessoal. Na percepção de Ademar e Lalá:

Ademar: A criança vai lá e mexe na Caipora e a Caipora cai.

Lalá: Quer tocar pra saber se realmente a Caipora é real.

Ademar: Tenho uma tia que fala que desde criança acontece dessa mesma forma, ninguém diz à criança: “vai mexer na Caipora”. Não, é do instinto mesmo da criança.

Lalá: O medo traz também curiosidade.

Ademar: Eu mexi, Lalá mexeu, nossos pais mexeram e eu acho que enquanto tiver Caipora vai ter menino mexendo lá, pra a Caipora ir atrás. Não é combinado não, nada combinado.

Lalá: Ela acaba chegando até desarrumada por causa disso aí mesmo.

Ademar: E não é nada combinado viu, aquilo são os meninos que já vão lá, como nós também íamos puxar a Caipora, perturbar mesmo a Caipora, talvez seja uma forma de vingança dos meninos. Dizem: já que embeleza as pessoas, vou me vingar da Caipora agora, entendeu?

Seguida pela Filarmônica Lira da Conceição, a Caipora desfila pelas ruas. A população local, visitantes e turistas seguem-na, brincam ao som da orquestra, cantando:

O cântico diz que a Caipora pega a gente e joga fora. É: ♪A Caipora, a Caipora, a Caipora pega a gente e joga fora.♪ Agora não sei de onde surgiu o Dona Antônio: ♪Ô Dona Antônio, depois de veia tá ficando sem vergonha.♪ Não sei de onde foi que apareceu Dona Antônio, não sei se alguém também chama a Caipora de Dona Antônio. (ADEMAR, 2015).

Na linguagem popular local, se uma pessoa se veste mal, se for grande demais, fuma em demasia, exagera na maquiagem, é comum dizer “parece uma Caipora”. “Bebe igual à Caipora” é expressão utilizada para referir-se aos que costumam consumir bebidas alcoólicas em excesso. Também é Caipora o contador de causos que prende o interlocutor com suas histórias: “Que Caipora também a gente chama isso, o cara que

segura o olho de alguém, prende alguém na conversa. Seu Edir é Caipora, quando você for entrevistar ele, ele vai te segurar lá o dia todo.” (ADEMAR, 2015).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio de. Lendas e contos do planalto e do litoral. **Investigações**, São Paulo, v. 4, n. 38, p. 57-73, fev. 1952.

AMBRÓSIO, Manoel. **Brasil Interior**. Palestras populares – folk-lore das margens do São Francisco. Januária, MG – 1912. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934. 2v

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. O dia da caça? Leitura sociológica de um discurso camponês em chave literária. **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 106-124, dez./fev. 2002-2003.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A., 1999.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1976.

CHATEAUBRIAND, François Auguste. **El gênio del cristianismo**: bellezas de la religion cristana. Madrid: Imprenta de Gaspar e Royg, 1853.

COUTO DE MAGALHÃES, José V. **O selvagem**. Rio de Janeiro, Typ. Reforma, 1876.

FREIRE, Bárbara; GUANAIS, Ivan. **Maraú**: luz do sol ao amanhecer. Salvador: [s.n.], 2008.

GIACONE, A. **Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Rio Negro- Amazonas:** notas etnográficas e folclóricas de missionário salesiano. São Paulo: [s.l.], 1949.

GONÇALVES DIAS, Antônio. **O Brasil e a Oceania.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1867.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010. **IBGE cidades@ Marau – Bahia.** Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ba>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

LACERDA, Regina (org.). **Estórias e lendas de Goiás e Mato Grosso.** São Paulo: Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda., São Paulo, 1960.

MARAU (Município). Lei nº 027/2010, de 21 de dezembro de 2010. Cria o plano municipal de educação – PME e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Marau.** Marau, BA, ano 6, Especial, 55 p., 03 jan. 2011.

PATATIVA DO ASSARÉ. **Inspiração nordestina.** São Paulo: Hedra, 2006.

PEREIRA, Franz Kreüther. **Painel de Lendas & Mitos da Amazônia.** Belém/PA: Academia Paraense de Letras, 2001.

QUERINO, Manoel. **A Bahia de outrora.** Salvador: Livraria Progresso Editora, 1946. (Coleção de Estudos Brasileiros, vol. 3).

SILVA, Alcionílio Bruzzi Alves da. **Crenças e lendas do Uaupes.** Quito, Equador: Ediciones Abya-Yala, 1994.